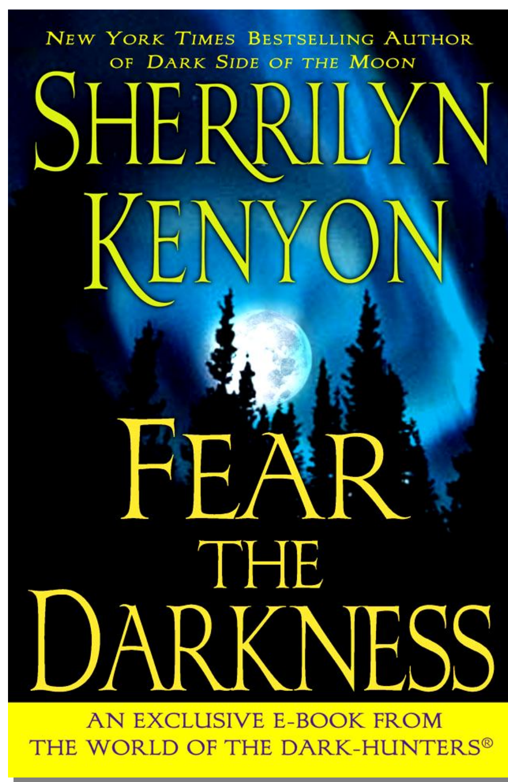
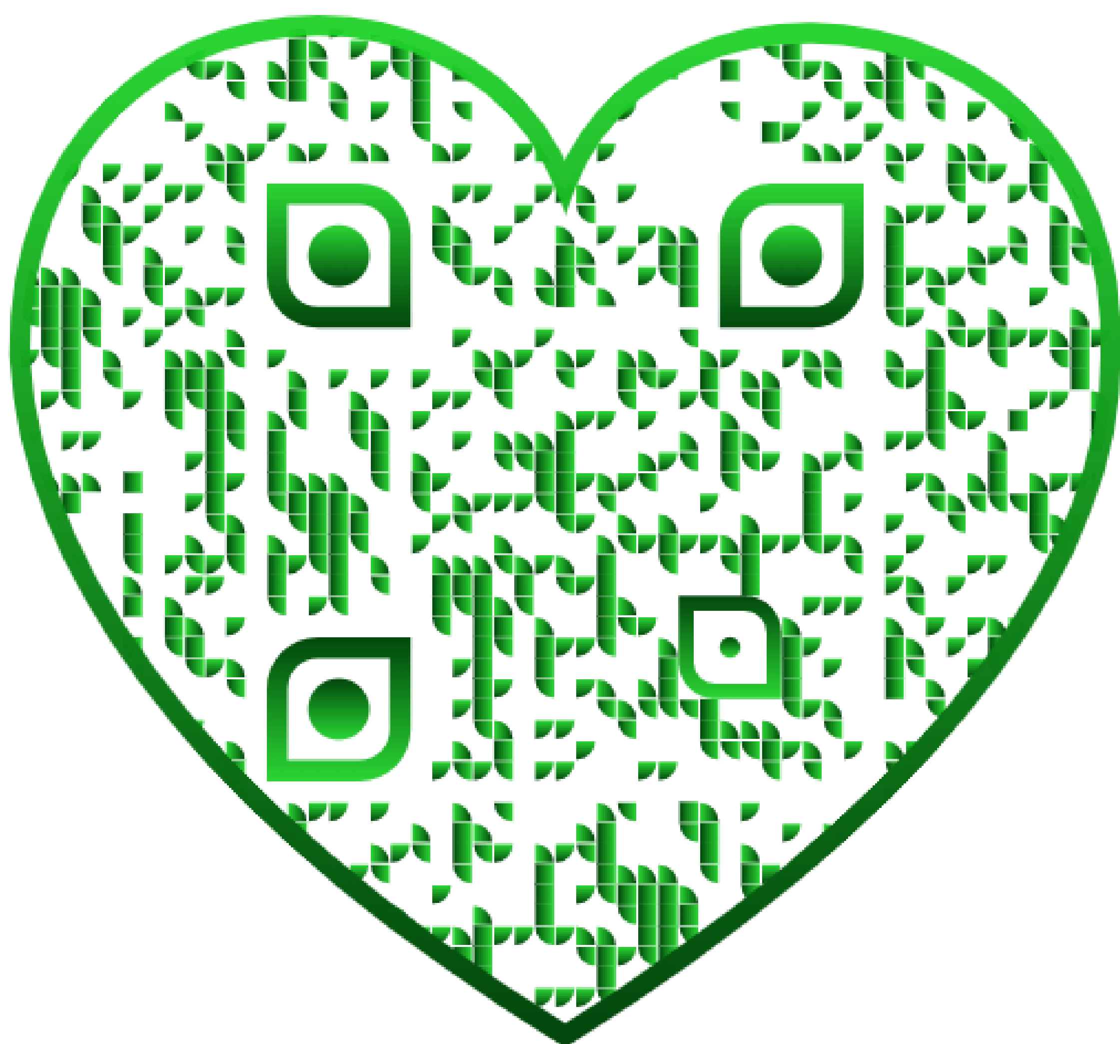




- Temendo a escuridão... -
Sherrilyn Kenyon

Disponibilização/Tradução: Sarah Gomes
Revisão: Éricka
Formatação/revisão Final: Meli Dumbledore





PARTE I:
MEDO À ESCURIDÃO

PARTE II:
UMA CARTA DE SHERRILYN KENYON

PARTE III:
UMA OLHADA A: THE DREAM HUNTER

PARTE IV:
BITE A FRIEND

PARTE I:

TEMENDO A ESCURIDÃO

NOVA Orleans, 2007

Nick Gautier estava em casa.

E estava fodido. Quando o táxi o transladou do aeroporto no meio da amanhã até sua casa na Rua Bourbon, e ele viu as cicatrizes que ainda ficavam do Furacão Katrina, seu sangue ferveu literalmente.

Como podia ter acontecido isso? Fechando seus olhos, tentou afastar de sua mente as janelas quebradas e os pôsteres caídos. Os brancos caminhões do FEMA. Mas essas imagens

foram substituídas pelas notícias que tinha visto mescladas com os terraços dos tetos, de incêndios, de desenfreio nas ruas...

Nick não podia respirar. Nova Orleans era seu lar. Sua pedra de toque. Esta cidade lhe tinha dado a vida, era seu sangue. E em um só pulsar de coração, se feito pedaços. Devastada. Nunca em sua vida tinha visto nada igual a isto.

Crescendo aqui, ele tinha passado através de numerosos furacões durante anos. Eles não tinham tido dinheiro para evacuar na pior das tormentas assim que ele e sua mãe conseguiram entrar em seu desmantelado carro vermelho e conduzir até o Hattiesburg. Mississippi, onde acampariam nos subúrbios de um apertado estacionamento de uma loja de comestíveis, comendo maus sanduíches de presunto, feitos com pão ressecado e pacotes de mostarda, até que foi seguro retornar. De algum jeito sua mãe sempre tinha feito esses dias divertidos e aventureiros, inclusive quando estavam encurralados no carro durante as advertências de tornado.

Então eles tinham voltado para casa para ver algo similar ao que ele estava vendo agora, mas em uma poucas semanas tudo tinha voltado para a normalidade.

Fazia dois anos desde os furacões e ainda havia negócios fechados, negócios que tinham estado ali durante anos e, em alguns casos, séculos. Havia áreas inteiras da cidade que se via como se o furacão houvesse justamente soprado através delas.

A maioria de seus amigos estavam mortos ou em uma nova localização. Pessoas que ele conhecia por décadas.

Em um pulsar do coração tudo tinha mudado.

Nick riu com amargura ante a ironia. Ele tinha mudado mais que nenhum. Já não era humano, ele não estava sequer seguro do que era.

A única coisa que o mantinha era sua furiosa necessidade de vingança sobre quão únicos ele culpava por esta catástrofe.

Ele moveu sua mão para esfregar o pescoço, então congelou quando sentiu ali a marca da dentada. Por tomar um intercâmbio de sangue, Stryker fazia ao Nick seu agente. Se Nick obedecia ao Senhor dos Daimons, então Stryker lhe daria o que necessitava para destruir ao homem que tinha arruinado a vida do Nick... e seu povo.

Acheron Parthenopaeus. Uma vez, tinham sido os melhores amigos. Irmãos ao final. Então Nick tinha cometido o engano de dormir com uma mulher a qual não sabia que era a filha do Ash. Ash lhe deu as costas por isso.

Isso ele podia entender. O que os tinha feito inimigos foi à noite em que a mãe do Nick morreu e que Ash o tivesse permitido. Ao contrário que os outros imortais que tinha feito de Nova Orleans seu lar, Nick conhecia os segredos que Ash possuía. Ele não só era o líder dos Dark Hunter, um guerreiro imortal que servia à Deusa Artemisa, e protegia à humanidade dos vampíricos Daimons que comiam suas almas.

Ash era um Deus. Ele tinha o poder de fazer tudo o que quisesse. Ele poderia ter

salvado à mãe do Nick ou ao menos havê-la trazido da morte da maneira em que ele tinha salvado ao Kyrian Hunter e a sua esposa Amanda. Mas Ash não tinha feito isso. Voltou às costas ao Nick e deixou que Cherise Gautier morresse.

Ash nem sequer tinha salvado esta cidade da tormenta. Até a noite em que Nick tinha dormido com a Simi, Ash tinha amado essa cidade mais que tudo. Ash não teria permitido que Nova Orleans sofresse.

Mas isso foi antes que eles se convertessem em inimigos. Agora Ash lhe odiava tanto que tinha tomado tudo do Nick.

Tudo.

- Encantadora casa-

Nick se deteve quando a voz do taxista interrompeu seus pensamentos. Ele olhou a mansão na Rua Bourbon que tinha sido seu lar desde que tinha começado a trabalhar para o Kyrian.

- É - disse em voz baixa. - Ela é.

Ou ao menos tinha sido quando ele tinha compartilhado esse lugar com sua mãe. Nick saiu e pagou a corrida, depois pegou sua mala do assento. Fechando de repente a porta, ele contemplou sua casa e formou um punho com sua mão tão fortemente apertado que seus dedos doeram em protesto.

Ele tinha comprado essa casa como um presente de aniversário a sua mãe quando tinha tido vinte anos. Ainda podia ouvir seu chiado de felicidade quando lhe estendeu a chave. Vê a ela de pé ao seu lado enquanto olhava com incredulidade.

- Feliz aniversário, Mamãe.

- OH, Nicky, O que tem feito agora? Não terá matado a alguém, Verdade?

Sua pergunta o tinha apavorado.

- Mamãe!-

Ainda, ela tinha sido implacável quando lhe tinha escrutinado com seus entrecerrados olhos azuis e as mãos no quadril.

- Não estará fazendo nada como lidar com drogas, verdade? Por que se o está fazendo, menino queira ou não, golpearei-te até que esteja arroxeado.

Ele bufou ante sua advertência.

- Mamãe, você me conhece melhor que isso. Nunca faria nada para te envergonhar diante de suas amigas da igreja.

- Então como conseguiste todo esse dinheiro, cherie? Como é capaz de comprar uma casa deste aspecto na sua idade? Ainda é um menino e eu não poderia confrontar pagar dois tijolos deste lugar.

- Disse-lhe isso. Sou o assistente pessoal de um corretor da bolsa em Distrito Jardim. Ele pôs a casa no meu nome, mas tecnicamente é dele. Ele me deixou alugar. Isso tinha sido uma mentira parcial. Por um lado, ter sido o escudeiro do Kyrian quando ele tinha sido Dark

Hunter tinha significado que todas as propriedades do Kyrian eram do Nick, ao menos no papel. Esta casa, entretanto, era do Nick. Seu salário tinha sido suficiente para que ele pudesse comprar facilmente três casas como essa, mas sua mãe nunca teria acreditado que ele pudesse fazer esse tipo de dinheiro sem infringir a lei.

- Corretor, hmmm. Isso soa a um desses eufemismos para Traficante de drogas.

- OH, Mamãe, entremos e demos uma olhada à biblioteca. Eu já tenho sua cadeira ali para que possa ler essas novelas que tanto adora.

- Carinho, está me estragando. Você sabe que não necessito nada assim de grande e exorbitado.

É, mas sendo menino, tinha-a ouvido chorar muitas vezes bem tarde da noite por que ela não podia dar nada melhor a ele que sua reduzida e alugada habitação, que o único trabalho que tinha podido encontrar era despir-se. Meu bebê merece algo melhor que isto. Enquanto seus pais viviam em uma encantadora casa no Kenner e tinham as mãos cheias de dinheiro. Mas eles a tinham repudiado no momento em que se apresentou em casa grávida dele.

Sua mãe tinha sacrificado tudo para manter ao seu filho, sua dignidade e seu futuro. E embora ela chorasse de noite por não poder lhe dar as coisas que ela pensava que um menino deveria ter, pelo dia, ela foi à melhor das mães que ninguém teria esperado ter.

Desde dia em que tinha nascido, só tinham sido os dois no mundo.

- Você sempre cuidaste de mim, mamãe. É meu turno de cuidar de ti. Eu tenho uma casa enorme por que um dia vou te dar muitos netos com que enchê-la.

Nick fez uma careta de dor quando juraria ter ouvido sua risada no vento antes que ela entrasse na casa para inspecioná-la. E quando ele esteve ali, a chuva caindo sobre ele, ensopando-o até os ossos.

Tinha encontrado a sua mãe morta nessa cadeira na biblioteca...

Uma implacável dor e dilaceradora pena passaram através dele com garras feitas de aço.

Eles destroçaram cada parte dele.

Como podia ela haver-se ido e por tão horrorosa morte? Sua garganta tinha sido rasgada e seu corpo drenado de sangue. Ela era tudo o que ele tinha tido.

- Eu posso te dar sua vingança.

Isso era o que Stryker lhe tinha prometido. O Senhor dos Daimons lhe havia dito que se lhe dava informação contra Acheron e os outros Dark-Hunters e os Escudeiros quem lhes servia, então Stryker lhe daria o poder que necessitava para assassinar ao Ash.

E isso era tudo o que Nick queria.

Então ouviu a voz do Ash em sua cabeça.

- Sabe Nick. Invejo-te por sua mãe. Ela é um inferno de mulher. Não há nada que eu não fizesse por ela.

- Por que a deixou morrer, Ash?Grunhiu em voz baixa. - Deus te amaldiçoe!-Mas em seu coração, sabia quem era realmente culpado por tudo isto e que o feria inclusive mais. Se só

tivesse sido um melhor filho. Um melhor amigo. Nada disto tivesse acontecido.

Ele tinha sido o único que tinha entrado nesse mundo onde o perigo era uma parte intrínseca. Se lhe houvesse dito a sua mãe a verdade, então ela não teria ido essa noite a casa com um Daimon. Ela estaria a salvo. Ela foi assassinada por culpa dele e a verdade disso o feria na parte mais profunda de seu ser.

Incapaz de permanecer ali se forçou-se a caminhar para o teclado numérico sobre a porta e pressionar o código. Ele meio esperava que não funcionasse, mas o fez.

Ele passou pela planta que sua mãe tinha plantado no largo vaso de barro próximo à porta de atrás e a moveu de modo que pudesse agarrar a chave de reposição.

Tudo estava justo como estava quando ele havia sido humano... Só que agora tudo era diferente. Com o estômago encolhido, abriu a porta e entrou na casa.

Seu amigo Kyl lhe havia dito que tinha havido alguns danos no lugar durante o Katrina, mas que a casa tinha sido restaurada. Nick tinha que lhe dar a razão, estava impecável. Nada, à exceção da ausência de sua mãe, estava fora do lugar.

- OH, Nicky, olhe! Este é um desses depósitos de lixo. Nunca pensei que teria algo tão fascinante e olhe esses azulejos sobre a parede. É mármore italiano?

Ele olhou à direita onde estavam os tradicionais azulejos italianos cozidos ao forno.

- Só o melhor para ti, mamãe.

- OH, você me mima, carinho. Você é a única coisa boa que tenho feito em minha vida. Não sei por que Deus foi tão bom comigo para que Ele te descesse do céu para mim. Alegro-me de que o fizesse.

Mas Nick Gautier não estava sentado no céu. Ao igual ao pior bastardo que o tinha fecundado e depois fugido, ele tinha nascido no inferno.

Ele deixou sua mala no chão junto à porta e pôs a chave sobre o aparador. A última vez que tinha estado ali, tinha gritado por sua mãe. Gritando seu nome enquanto corria através da casa, tentando localizá-la.

Ele a tinha encontrado escada acima.

Contra sua vontade, seus pés o levaram diretamente ao lugar. Deteve-se na soleira da porta, contemplando a cadeira favorita de sua mãe. Em sua mente, podia ver ainda seu corpo sem vida ali. Mas na realidade... não havia rastro de sua morte...

Ou da sua própria. Justo antes onde ele estava agora, ele tinha chamado à Deusa Grega Artemisa para que o convertesse em um Dark Hunter. Quando ela se negou e lhe disse que primeiro teria que estar morto, ele se suicidou com um tiro nos miolos diante dela.

Temendo como Acheron reagiria ante sua morte, Artemisa o tinha feito imortal e o tinha marcado com o sinal do arco e a flecha sobre a cara, mas ele não era um de seus soldados quem protegia à humanidade. Ele tinha poderes mais incríveis que os outros. Podia caminhar à luz do dia.

E agora que compartilhava os poderes com o Stryker...

Nick se estremeceu quando viu a garrafa meio vazia de Coca-Cola sobre a mesa do lado. Sua mãe nunca tinha tomado outra Coca-Cola, só dietética, e ele nunca se atreveu a deixar uma bebida em seu secreto santuário.

Alguém tinha estado na casa, e posto que houvesse um periódico de hoje aberto, ele juraria que alguém se mudou e ocupou a casa.

Sua casa.

A fúria emanou através dele. Quem se atrevia?

Desejando sangue, ele irrompeu através das habitações, mas encontrou cada uma delas vazias sem que houvesse sinais de que alguém se atrevesse a entrar ali.

- Bem-grunhiu ele - Me verei contigo depois.

Primeiro ele queria visitar sua mãe. Fez uma careta de dor ante esse pensamento. Ele não tinha estado no cemitério desde que seu desvalorizado pai tinha morrido. Inclusive embora ele tivesse passado pelo cemitério do St. Louis cada dia, este simplesmente não tinha sido um lugar onde ele tivesse passado muito tempo. Este recordava ao seu pai e a turma com a que esteve uma vez. Uma turma que estava acostumada a roubar as turistas que se atrevia a entrar sozinhos no cemitério.

Mas ele iria agora a visitar sua mãe. Não tinha estado ali para o funeral. O mínimo que podia fazer agora por ela era lhe fazer saber que ele ainda sentia saudades.

Com o coração pulsando apressadamente, caminhou os poucos blocos que separavam sua casa da Rua Basin e transpassou a entrada de pedra do Cemitério do St. Louise. As chuvas já se moveram sobre eles como estavam acostumados a fazer em Nova Orleans. Agora estava seco e fazia calor.

Já que era de manhã, as portas de ferro estavam abertas e asseguradas atrás. Como Daimon e Dark-Hunter, Nick não deveria permitir-se caminhar à luz do dia, mas um poder mais elevado o tinha liberado dessa maldição. Ao igual à Ash, ele podia caminhar à luz do dia, e ao contrário que outros Dark-Hunters, podia caminhar pelo cemitério e não ser possuído pelas vagabundas almas que estavam apanhadas ali.

Sem deter-se, ele caminhou para o mausoléu da Família Gautier. Quando passou roçando os túmulos que tinham causado que os Cemitérios de Nova Orleans fossem chamados às cidades dos mortos, ele notou como muitas delas ainda arrastavam traços dos danos do furacão. Inclusive o túmulo de Marie Laveau não estava tão colorido como tinha estado antes.

Muitas dos túmulos tinham perdido nomes e pedras.

O temor se arrastou dentro dele enquanto esperava encontrar o lugar onde descansavam os restos de sua mãe. Mas quando girou a esquina para o túmulo de sua mãe, congelou-se.

Menyara Chartier, uma miúda, frágil mulher afro americana estava sentada ainda em frente do túmulo, falando em um sussurro a sua mãe enquanto arrumava os ramos de lírios brancos. A alta sacerdotisa Vudú se deteve a meia-frase e voltou sua cabeça como se ela soubesse quem estava ali.

- Ni...-Se estremeceu, contendo-se de dizer o resto de seu nome.

- Tia Mennie. Disse Nick, agarrando sua voz quando ele cortou a distância entre ambos. Ela tinha sido a arrendatária na habitação próxima a deles onde ele tinha crescido e ela tinha sido a mulher quem tinha cuidado deles desde que sua mãe não tinha sido capaz de confrontar uma estadia no hospital. Menyara tinha sido a coisa mais próxima à família que ele e Cherise tinham conhecido. - Está ainda aqui.

Ela ficou lentamente de pé. Com seu metro vinte e três, ela devesse ter sido capaz de intimidar a ninguém de mais de cinco anos e ainda havia algo tão poderoso nela que sempre o tinha acalmado. Sem pensá-lo a atraiu a seus braços e a manteve perto.

- Sabia que retornaria. Ela suspirou antes de beijá-lo na bochecha. - Sua mãe, ela me disse que olhasse por ti.

Para qualquer pessoa, esse comentário possivelmente tivesse parecido estranho. Mas Menyara era uma dotada clarividente. Ela sabia coisas que ninguém mais sabia.

- Eu não assassinei a minha mãe. Disse ele quando a separou dele outra vez. Esse era o malicioso rumor que tinha estado circulando.

Ela aplaudiu seu braço.

- Sei, Ambrosius. Sei. Ela se voltou para indicar o túmulo. - Cada dia eu vim por ti para lhe fazer saber a Cherise que ela não estava sozinha.

Ele baixou o olhar aos centros de flores que estavam arrumados ao redor do túmulo e viu um pequeno grupo de rosas negras estavam florescendo em uma minúscula parcela de terra.

-Traz-lhe flores?

- Não. Eu só acerto essas que mandou o homem de cabelo negro.

Nick franziu o cenho.

- Homem de cabelo negro?

- Seu amigo, Acheron. Sempre que está na cidade, ele vem e a visita também. E cada dia sem falhar ele envia flores para que sua mãe as veja.

Seu sangue correu frio.

- Ele não é meu amigo, Menyara.

- Você pode não ser seu amigo, Ambrosius, mas ele é o teu.

Sim, claro. Os amigos não fodiam um ao outro da maneira que Nick tinha sido fodido pelo Ash.

- Você não sabe dele. Pelo que ele é capaz de fazer.

Ela sacudiu sua cabeça ante ele.

- Ah, mas sei. Inclusive melhor que você, acredito. Eu sei exatamente quem e que é ele. Sei exatamente o que ele pode fazer. E para ser mais exatos sei o que ele não pode fazer. Ou o que ele se atreve a não fazer. Seus rasgos se suavizaram quando lhe tocou sua tatuagem, mas não disse nada a respeito disso. - Toda sua vida, estive te cuidando. Sua mamãe sempre dizia que você reagia sem pensar. Que sentia com muita profundidade. Que se lamentava

também muito. Mas um dia, Ambrosius, verá que você e seu amigo não são tão diferentes. Que a muito de ti dentro dele.

- Não sabe do que está falando. Eu não dou as costas a meus amigos e malditamente certo que não os machuco.

Ela indicou as flores com um movimento da mão.

- Ele não fugiu. Esteve aqui quando o demônio desatou sua cólera sobre nós. Acheron salvou minha vida e a de muitos outros. Nos comprou comida quando não tínhamos nada que nos levar a boca e impediu que sua casa fosse incendiada. Não lhe julgue por um só mau ato quando tem feito tantos bons.

Nick não queria perdoar ao Ash. Não depois de tudo o que tinha acontecido, mas apesar de sua raiva, ele sentiu como seu coração se suavizava ante o conhecimento de que Ash tinha estado ali, que não tinha abandonado a cidade.

- Por que me está chamando Ambrosius?

- Por que isso é o que você é agora. Imortal. Ela acariciou a marca da dentada sobre seu pescoço. - Meu Nicky se foi. Enterrado por emoções tão grandes como profundo é o oceano. Pode me dizer se meu menino voltará para casa de novo?

Nick queria amaldiçoá-la. Queria gritar, mas no fundo se sentia igual a um menino perdido quem só desejava o contato de sua mãe. Um profundo soluço escapou, e antes que pudesse detê-lo, ele fez o que não tinha feito da noite em que tinha encontrado a sua mãe morta.

Chorou. Tudo o que queria era que a implacável dor de seu interior cessasse. Queria tempo para voltar para o que tinha sido quando sua mãe tinha estado viva e Ash tinha sido seu amigo.

Mas como podia? Tinha mudado tanto...

Menyara o atraiu aos seus braços e o manteve perto. Ela não falou. Mas seu contato o acalmava mais do que pudesse fazer as palavras.

Ela pressionou seus lábios no cocuruto de sua cabeça e lhe deu um ligeiro beijo.

- É um bom menino, Ambrosius. Cherise ainda acredita em ti e eu também. Ela te diz que deixe ir sua raiva. Seja feliz outra vez.

Ele a separou com uma maldição ante suas palavras que recordavam a algumas palavras que sua mãe estava acostumada dizer.

- Como posso deixar que todo se vá enquanto minha mãe está morta?

- Como pode não fazê-lo? -Insistiu ela. - Esse foi o momento de sua mãe deixar este mundo. Ela é feliz agora que pode te observar e...

- Não me diga isso- disse ele entre apertados dentes. - Odeio quando as pessoas dizem essa merda. Ela não é feliz. Como poderia ser?

Menyara sacudiu a cabeça.

- Então vá deste lugar e não corrompa sua paz com seu ódio. Esse não pertence aqui. Sua

mãe merece algo melhor que isso de ti.

Ele abriu sua boca para falar.

- Não quero ouvir isso nem nada que fizesse você a sua pobre mãe, Deus proteja sua alma. Parte e sai daqui. Não volte até que recupere o sentido comum e pense em algum outro mais que em ti mesmo. Ouviste-me?

Nick entrecerrou os olhos. Ele teria discutido com ela, mas a conhecia o suficiente. Não havia quem falasse com a Menyara quando estava desse humor.

Aborrecido com tudo aquilo, voltou-se e se afastou sem nenhum destino real em mente. Ele simplesmente foi para a rua. As ruas eram misteriosamente familiares e ao mesmo tempo estavam tão vazias. Nesta época do ano, deveria ter havido toneladas de turistas. Comerciantes regando os balcões e as ruas.

Em vez disso havia barris alaranjados e locais de construção rodeando-os. O som dos martelos perfuradores tinha substituído o Jazz matutino. A dor se infiltrava por cada partícula de seu corpo…

Até que se cruzou com o Acme Oyster House no Iberville. Deus, Quantas vezes tinha comido ele ali? Quantas risadas e cervejas tinham compartilhado com sua mãe e seus amigos?

Este parecia o mesmo, só mais novo pela reconstrução. Ele se deteve ao lado da janela, observando aos garçons tomar nota e as pessoas conversar, até que seu olhar calou sobre a mesa próxima à parte de trás.

Seu coração deixou de pulsar. Esse era Kyrian Hunter e sua esposa com sua filha Marissa e um bebê que Nick jamais tinha visto antes. Eles estavam rindo e conversando com outras pessoas que Nick tinha chamado amigos, Vane e Bride, Julian e Grace. Mas o que o aturdiu completamente foi o fato de que estivessem à mesa com o Valerius e Tabitha. Já que Tabitha era a irmã gêmea da Amanda, isso não era surpreendente.

Valerius era o que o tinha deixado atônito.

Um mortal inimigo do Kyrian e Julian, a família do Valerius tinha enganado e assassinado ao Kyrian, então destruíram as pessoas e o país pelos que os dois tinham lutado e morrido por proteger. Durante séculos, eles tinham professado um amargo ódio um pelo outro.

E agora Kyrian estava estendendo seu filho ao homem que ele uma vez tinha jurado decapitar…

Como tinha acontecido isso?

- Nick?

Ele se sobressaltou ante o suave sussurro que ouviu detrás dele. Era a meia irmã do Stryker, Satara. Alta e deslumbrante, ela era o epítome da beleza e a graça feminina.

Se afastou de modo que os outros não pudessem vê-lo na rua.

- O que está fazendo aqui?

- Senti uma estranha sensação vinda de ti e queria ver o que a tinha causado.

Odiava que compartilhar sangue com lhe permitisse sentir suas emoções. Era irritante

ter a alguém que o lesse.

- Nada. Vá para casa, Satara.

Ela inclinou sua cabeça como se chegasse a ver o Kyrian e aos outros dentro.

- É interessante, não? Por que Acheron os trouxe para de retorno à vida depois de que tivessem morrido, mas se negou a fazer o mesmo por sua amada mãe. Pergunto-me por que escolheu a eles por cima dela.

- Não necessito que empurre essa porta.

- Certo. Estou segura que essa está ainda crua.

Ela não tinha idéia.

- Mas - disse ela, aproximando-o suficiente para lhe sussurrar ao ouvido. - Por que deveriam eles estarem aqui, vivendo felizmente enquanto sua mãe está morta?

- Não comece comigo, Satara. O homem e sua família são tudo o que deixei.

Ela inclinou a cabeça

- São? O que acredita que dirão eles quando descobrirem que é um Daimon Dark-Hunter? Que através de ti Stryker pode ver e ouvir tudo o que eles fazem?

Ele começou a apartar-se dela, mas ela o puxou para detê-lo. Suas largas presas morderam seu antebraço.

- A velha Puta Vudu te disse que Acheron ajudou aqui em Nova Orleans depois dos furacões. Mas te disse quem era sua mãe?

Nick ficou congelado ante suas palavras.

- Ash tem uma mãe? Viva?

Ela sorriu.

- Ooo, outro segredo que te ocultou, huh? E isso sendo os melhores amigos. Faz que te pergunte que outras coisas não sabe, verdade?

Sim, o fazia. Ele arrebatou seu braço de seu agarre.

- Quem é sua mãe?

- A Deusa Atlante Apollymi. Mas ela é mais conhecida no mundo dos imortais como A Grande Destruidora.

- Destruidora?

- Sim. Por nenhuma outra razão de um dia não gostar do penteado, ela lançou implacáveis tormentas contra as civilizações durante séculos, e esteve realmente zangada essa noite quando Desiderius estragou a jogada aqui em Nova Orleans.

Nick não podia respirar quando recordou essa noite. Desiderius tinha sido o agente do Stryker, e tinha sido o único que tinha assassinado a sua mãe.

Ela se inclinou sobre ele para lhe sussurrar outra vez.

- Ela é também a mãe de meu irmão Stryker. Você já o conhece. Líder dos Spathi Daimons. Quem pensa que leva a correia de meu irmão? Quem acredita que controla o Exército do Stryker?

Nick sentiu que a raiva se inflamava dentro dele ante todas as verdades que Ash lhe tinha oculto a ele e aos outros.

- A mãe do Ash é a Líder dos Daimons?

- Sim, é. Agora sabe por que Ash guarda tantos segredos. Como vê tudo isto sabendo que sua bem amada mãe é quão única controla seus inimigos? Isso é pelo que ele não lhes havia dito nada a respeito dos Spathi Daimons como tampouco do Desiderius. Por que Ash permanece sempre à margem de tais conflitos. Ele não é o grande mal. Sua mãe o é. Confrontemo-lo. Ash lhes esteve mentindo a todos vós desde o começo. Artemisa não lhe controla. Ele controla a ela. Ela vive completamente aterrorizada dele.

Nick recordou a noite que se matou diante da Artemisa. Satara tinha razão. A Deusa tinha estado aterrorizada do Acheron e da reação ante a morte do Nick. Isso só tinha causado que o devolvesse à vida. Inclusive contra as regras.

Ainda, ele não podia tira as palavras da Menyara de sua mente.

- Menyara jamais se equivocou com alguém.

- Menyara nunca conheceu a um Deus que pudesse alterar os pensamentos e as percepções de alguém. Pensa nisso, Nick. Quantas vezes os Were-Hunter trapacearam a mente de alguém para que esqueçam que viram algo fora do normal?

Mais vezes das que ele podia contar.

- Mas Ash sempre se refreou de fazer isso.

- Isso é o que ele diz. Contudo, Quantas vezes as pessoas pregam uma coisa, e depois fazem outra?

Outra vez, ela tinha razão.

Ela se inclinou contra ele e esfregou seus bíceps.

- Você está bento com a verdade. Nada no mundo dos Dark-Hunter é o que parece. Acheron enganou a todo mundo... mas você. A pergunta é, vais deixar que continue rindo das pessoas, da sua mãe ou vais deter lhe? Quantas mais pessoas devem morrer por que Acheron é um cruel sádico bastardo? É ele ou nós, Nick. Em qual lado está?

No seu próprio. Ao inferno o resto deles. Mas ela não queria que soubesse isso. Não ainda, de todas as formas.

Ela jogou com seu cabelo.

- Stryker te deu os meios para te vingar. A pergunta é: É o bastante homem para tomá-la?

Ele curvou seus lábios ante ela.

- Não sou um homem, Satara. Sou um imortal com os poderes de um Deus.

Ela inclinou sua cabeça ante ele.

- Enquanto não esqueça isso, Acheron é teu.

Nick voltou a olhar ao restaurante e a verdade lhe perfurou com dureza. Ele teria sacrificado alegremente ao Kyrian e a sua família para ter a sua mãe de volta. A amizade era

uma coisa. A família outra. Embora Kyrian tivesse sido como um irmão para ele, não era seu sangue. Nick tinha vendido sua alma por vingança e ele ainda a queria.

- Seja leal a nós, Nick, e podemos te dar o que mais quer.

Nick bufou ante ela.

- Você não sabe que é o que quero.

- Sim, sei. Quer te vingar e quer que sua mãe retorne-

- Eu posso obter minha própria vingança.

- Certo, e nós podemos te devolver a sua mãe.

Que diabos estava dizendo ela agora? A zorra estava louca.

- Não seja estúpida, minha mãe está morta. Não há maneira de que volte.

- Seriamente? Você está aqui e ainda assim esteve morto uma vez. Ela estalou seus dedos. Um instante depois, um alto homem de cabelo negro apareceu ao lado deles. Com um metro noventa e dois, Nick não era dos que tinha que levantar a cabeça para olhar a um homem, mas com este o fez. E pelos luminosos olhos azuis, Nick sabia exatamente quem e que era este homem.

Um Dream-Hunter.

Deuses do sonho, eles foram enviados do Olimpo para ajudar e proteger aos sonhadores. E através de um pacto com o Acheron, estavam emprestando ajuda aos Dark Hunters. Para lhes ajudar a sanar, especialmente quando estavam dormidos, de modo que pudessem seguir protegendo à humanidade dos demônios que os caçavam.

Este não era o primeiro Dream-Hunter que se aproximava dele. Ele tinha enviado a M'adoc a passeio tão logo o Deus tinha devotado ajudar ao Nick a esquecer a dor pela morte de sua mãe. Ele não tinha querido esquecer a sua mãe ou o que tinha acontecido.

Nick elevou seu queixo para o recém-chegado.

- Eu não necessito sua ajuda.

- É obvio que você não, Nicky. Mas Katros pode fazer a única coisa que Acheron não pode fazer.

- E isso é?

- Trazer uma alma de seu descanso eterno e devolvê-la ao país dos vivos.

Nick não era tão estúpido para comprar o que lhe estava vendendo.

- A que preço?

- Um ato de lealdade para nós. Você traz a menina do Kyrian, Marissa, ao Kalosis, e nós devolvemos a sua mãe a este mundo.

Ele ainda estava cético.

- Você não pode fazer isso.

Satara lhe deu um satisfeito sorriso.

- Katros, uma demonstração, por favor.

Antes que Nick pudesse mover o Dream-Hunter o tocou. Seu contato acendeu a pele do

Nick, fazendo que esta ardesse se estendesse quando as imagens passaram através dele. Ele viu sua mãe em um jardim rodeado por rosas, seu cabelo loiro caindo pelas costas brilhava a luz enquanto sorria para um grupo de meninos os quais estavam jogando a seu redor.

Uma lágrima se deslizou por sua bochecha quando viu sua cara outra vez.

- Mamãe - sussurrou ele.

Ela inclinou a cabeça como se o tivesse ouvido.

- Meu Nicky - Suspirou ela- Te estranho.

- Eu posso te levar ao Inframundo- lhe disse o Dream-Hunter - mas não será fácil. Ele soltou ao Nick e a imagem de sua mãe instantaneamente desapareceu.

Nick lutou por respirar.

- Como sei que posso confiar em ti?

- Não tenho emoções. Faço o que me ordenam. A traição é para aqueles que têm algo que ganhar.

Isso era verdade, os Dream-Hunters tinham sido amaldiçoados pelo Zeus a não sentir nada.

Satara lhe sorriu.

- É muito cedo, Nick, sei. Vá pra casa agora e descansa. Quando estiver preparado para que sua mãe retorne, nos traga a Marissa.

Nick assentiu antes de voltar-se e fazer o que ela dizia.

****

Satara entrecerrou os olhos quando Nick sumiu da vista. Ele estava sendo bastante problemático, mas ainda podiam controlá-lo. Ele necessitava o sangue deles para viver e durante o tempo que eles o tivessem preso a isso, não havia nada que pudesse fazer para escapar.

Ao menos nada que não implicasse que começasse a pedir ajuda ao Acheron e essa era a última coisa que Nick faria.

- Realmente quer que eu traga sua mãe do Inframundo? Perguntou Katros.

- Isso requer uma maciça quantidade de cooperação por parte do Hades.

Ela bufou ante ele.

- É obvio que não. Nós conseguiremos a Marissa e ele e sua mãe se podem torrar no inferno pelo que a mim importa. Mas você é outra questão. Quero-te em seus sonhos, cada noite, trabalhando nele. Ele tem bastante raiva para te alimentar bem, meu Skotos. Utiliza essa raiva. Trabalha nela até que ele esteja disposto a fazer algo para liberar a sua mãe e assassinar ao Acheron-

Ela viu a vacilação nos olhos do Katros.

Ela curvou seus lábios.

- OH, não me diga que você vai ser também um inútil. Estou inclinada a assassinar a todos os homens débeis e imprestáveis que me rodeiam.

Ele a pegou e a empurrou contra a parede.

- Eu não sou um inútil, Satara. Faria bem em recordar isso.

Ela estalou a língua.

- Para um Deus sem emoções, parece bastante irritável.

Ele a liberou.

- Eu estou me desviando de ti e de seu ódio. Inclusive neste reino, é acre.

- Deixa meu ódio em paz. Não quero que diminua. Recorda, Dream-Hunter, eu também sou um Deus. Fode comigo e atrairei a cólera do Zeus sobre ti.

- Você é só um semideus, um servente ante eles.

- Mas o querido velho avô Zeus terá uma audiência comigo e então tomará sua cabeça, Quer apostar?

Ele retrocedeu um passo e lhe dedicou um olhar que lhe fez saber que no futuro deveria estar em guarda enquanto dormia.

- Só faça sua parte, Katros, e eu farei a minha. Os Oneroi não monitoram os sonhos dos Daimons. Você me ajuda a manter ao Nick contra Acheron e eu te darei um pátio de jogos inimaginável para seus irmãos.

Katros tragou ante sua promessa. Três semanas atrás tinha sido um dos Oneroi. Um servente dos Deuses que protegiam aos humanos e aos Imortais enquanto dormiam. Então Satara o tinha convocado em seus sonhos e havia o tornado Skoti. Ela o tinha seduzido com seu corpo e tinha feito que desejasse as emoções iguais a uma droga. Agora ele não podia suportar o vazio de sua existência. Ele só queria sentir e estava disposto a fazer algo para manter suas recém encontradas emoções.

Ela tinha razão. Os de seu tipo não tinham feito presa dos Daimons e se eles eram a metade de tentadores como o era ela, então teria um banquete na ponta de seus dedos.

E tudo o que tinha que fazer era alimentar-se da raiva e pena de um Dark-Hunter. Simples.

- É um trato, Satara. Você me dá o que eu necessito e eu te darei o que você quer.

Ela sorriu. O que ela queria era simples. A lealdade do Nick Gautier e a bebê Marissa. Com essas duas coisas, ela poderia derrubar os Panteões Gregos e Atlantes.

Então ela seria uma Deusa e faria que Apollymi parecesse débil.

E Nick, Acheron e Katros seriam seus eternos escravos.

PARTE II:

UMA CARTA DE SHERRILYN KENYON

Olá, a todos!

Espero que desfrute da história curta e sei que a primeira pergunta que muitos me farão depois de ler isto é: Isto é tudo o que tem que do Nick? Não! (:) Prometo que Nick terá um livro completo no futuro.

Como estava dizendo, estive querendo fazer esta história curta durante muito tempo, mas esta realmente não pegava dentro de nenhuma das novelas. Eu pensei que era importante para os fãs da série para que entendessem por que Nick não pode simplesmente perdoar e esquecer no que diz respeito ao Ash. Como Ash está acostumado a dizer, as emoções não têm cérebro. E eu sei de primeira mão, depois de passar anos pactuando com isso, especialmente quando algo é violento e inesperado levando-o muito tempo de sua vida.

Nick faz uma ponta no - The Dream Hunter - e está aqui um pequeno fragmento desta ponta:

****

- Ah, jezz, Nick!-

Ash se voltou para o irritado grito do Kyrian para encontrar o general parado na soleira perto da mancha negra que Nick tinha deixado no chão. Um pouco mais baixo que Ash, Kyrian tinha o cabelo loiro e curto e vestia negro.

- Vou chutar-te no traseiro, menino! Quanta vez te há dito que não ande em skate por casa?

Nick se aproximou por detrás do Kyrian com uma cara branca como o giz. Ash tinha visto o condenado homem lhe olhar menos que apavorado.

- Não é culpa do Nick- disse Ash rapidamente quando Nick se deteve detrás do Kyrian com olhos aumentados. - São estas novas botas de motorista. Sinto muito. Estava tão atordoado quando M´Acdoc se apresentou que patinei sobre o chão.

Kyrian o olhou com suspeita, mas já que não podia comprovar se Ash mentia ou não, deixou-o passar.

- Bom, então, poderia arrumá-lo?

A marca se desvaneceu instantaneamente.

- Obrigado.

- É meu ídolo - articulou Nick para o Ash depois das costas do Kyrian. - Quero-te, cara.

Kyrian se voltou bruscamente para olhar ao Nick que imediatamente atuava como se estivesse arranhando a cabeça.

- Chamou-me, chefe?

- Não. Chamei-te um montão de coisas, mas 'chefe' nunca foi uma delas. E nunca o será.

Nick passou sua mão através de seu comprido corto castanho.

- Demônios, ele está de mau humor esta noite. Precisa te jogar, chefe.

- Te cale, Nick.

****

Eu adoro esta cena completa (a qual pode ler inteira no The Dream Hunter). Igual a muitas outras, eu também estranho ao velho Nick. Mas Nick está em uma viagem, e esperançosamente ele será um melhor homem por causa disto. Ou morrerá uma espetacular morte. Só eu e minha amiga Janet sabemos seguro.

Enquanto isso, estou trabalhando no próximo livro da Série Dark Hunter, Devil Mai Cry. Enquanto que no The Dream Hunter tem à heroína do Ash nele, DMC tem eventos que serão de grande impacto para o Ash e para seu futuro. Por não mencionar que este contém uma inesperada e ENORME surpresa em seu interior. Este acontece em Nova Iorque, durante o natal e leva o leitor a um lugar onde nunca foram antes. Este também contém o retorno do Urian e um shocker do Simi. Eu adoro este livro e espero que todos vós procure por ele em Agosto.

E mantenham um olho sobre o retorno de - Nascido da Noite- o primeiro livro na Série League. St. Martin ouviu nossas súplicas e teve piedade de nós. Todos os livros fora de stock voltarão a ser impressos muito em breve, e SMP foram bastante amáveis para me deixar voltar e editá-los. Assim pela primeira vez, eles terão uma série completa e você poderá ler da maneira que eu queria que fosse lida. Estou tão excitada!

Espero que todos vós tenham tido umas agradáveis festas e que 2007 não lhes traga nada que não seja calor ao seu coração e risadas a sua casa.

Abraços.
Sherrilyn

PARTE III:

Uma Olhada em

The
Dream- Hunter

DISPONÍVEL EM FEVEREIRO DE 2007

THE DREAM HUNTER

Arik queria amaldiçoar com frustração quando viu Megeara sorrindo a outro homem. Por que não tinha sucumbido a seu soro?

A suas súplicas?

Como podia uma simples mortal ser tão forte?

- Arikos?

Quando a luz se introduziu na escura câmara uma vez mais ele deixou escapar um cansado suspiro diante do som da voz de seu tio Wink. Arik estava realmente cansado dessas interrupções quando tudo o que ele queria era estar com seu alvo humano.

- O que?

- Disse-te que me devolva o Soro do Sonho que te dei. Parece que está abusando dele e fazendo adoecer ao seu humano.

Arik se girou a olhar a cara do velho Deus do Sonho. O comprido cabelo castanho do Wink estava trançado em suas costas enquanto seus luminosos olhos cinza dançavam com travessura. Inclusive embora Wink era um dos Deuses mais antigos, ele tinha a personalidade de um menino de treze anos. Não havia nada que amasse mais que fazer travessuras e brincar, duas das muitas coisas que tinham tido Arik e seus irmãos malditos.

Em algum tempo, eles tinham sido muito facilmente seduzidos e manipulados por outros Deuses, e se tinham permitido ser utilizados pelo Wink, Hades e outros Deuses em privados gestos e guerras.

Até que um dia Zeus impôs um alto de uma vez por todas. Tinha graça que tivesse

castigado às ferramentas e não o fizesse com quem as dirigia.

Mas, então, Zeus nunca foi conhecido como Deus da Justiça.

- E se quero ficar com o soro?

Wink arqueou uma sobrancelha ante isso, então estalou a língua.

- Vamos, Arikos, você conhece as regras - Sua cara se suavizou. - Você sabe o que acontece a aqueles que não cooperam.

É obvio que sabia. Todos os de sua classe sabiam. Suas costas tinham mais cicatrizes que o céu continha estrelas. Havia vezes quando ele suspeitava de seu avô Hypnos, era quem fiscalizava seus castigos físicos, não era mais que um sádico que só podia sentir prazer quando repartia dor a outros.

Quão cruel seria para enviar ao Skoti a drenar aos humanos de excessos ou emoções retidas, para depois castigá-los quando não desejavam ir-se por que por fim experimentavam alguma outra coisa que não fosse dor?

Mas essa era sua maneira de fazê-lo.

Depois de seu, bate-papo com M´Ordant, Arik soube como deveria ser. Não havia caso que discutir. Wink tinha sido enviado para recuperar o Soro de Lótus que utilizavam nos seres humanos, e todos os subornos do Olimpo não o fariam desistir. Wink era só um instrumento que servia aos Deuses do sonho.

Arik tirou o pequeno frasco e o estendeu ao Wink, que o colheu com um estóico sorriso.

- Te anime, velho moço. Há um montão de outros sonhadores aí fora com os que pode jogar. Eles vivem para seus sonhos e são possuídos por eles constantemente.

Sim, mas nenhum desses humanos tinha o tipo de inibidos, vívidos sonhos da Megeara. Isto fazia que Arik mais que nada queria saber como seria ela no mundo real. Se seria igual com um humano...

Arik viu como Wink partia, lhe deixando a ele sozinho na câmara dos sonhos com a escuridão. Possivelmente este era o justo castigo depois de tudo. Um dos filhos do Deus Morfeu, Arik tinha sido originalmente um dos Oneroi. Como era costume neles, ele tinha sido atribuído aos humanos para velá-los e protegê-los contra os Skoti que algumas vezes faziam presa sobre eles. Nesses dias, ele tinha passado sua vida monitorando seus sujeitos, assegurando-se que os que estavam sob seu amparo tivessem sonhos normais que deveriam inclusive lhes ajudar a tratar com seus problemas ou inspirá-los.

Até essa fatídica noite.

Ele tinha ido ajudar a um de suas atribuições o qual estava doente. Devido a sua enfermidade, seus sonhos se feito extremamente vivos e emocionais, tanto que um dos Skoti se pegou a ela. Tal coisa era comum e inclusive tolerada. Os Skoti se alimentavam de emoções humanas, sempre e quando se mantivessem sob controle e não conduzissem os sonhos ou interrompessem na vida dos humanos, tinham permitido drenar aos humanos. Só quando o Skoti começava a voltar repetidas vezes e tomava o controle do anfitrião era quando eram

castigados.

Os humanos possuíam mentes frágeis. A volta contínua de um Skoti poderia facilmente voltar louco ao humano ou convertê-lo em homicida. No pior dos casos, um Skotos poderia inclusive matar ao humano, o qual era o porquê dos Oneroi os monitorar. Se um Skoti passava muito tempo com seu anfitrião, era então o turno dos Oneroi de entrar e expulsá-los.

Se todo isso falhava, o Oneroi mataria ao Skotos.

Uma vez, a vida do Arik tinha estado dedicada a proteger aos humanos. Para não sentir nada e seguir e tão só seguir as ordens de elite dos Oneroi. Em seu dia, ele tinha vencido numerosos Skoti sem entender ou preocupar-se de por que eles procuravam os humanos da maneira em que o faziam. Por que eles sentiam uma imperiosa necessidade de arriscar suas vidas por essa busca.

E então uma noite... não, um encontro tinha mudado isso e trouxe com isso uma clarividência que ainda ressonava nele.

Nascido de uma mãe humana e um Deus dos sonhos Phobetor, Solin vivia na Terra, mas de noite ele corria desbocado nos sonhos de outros humanos. Completamente amoral, não lhe importava o que fazia a outros sempre e quando obtivesse sua própria satisfação.

Durante séculos os Oneroi tinham estado tentando deter e apanhar ao Solin. Ele era um dos poucos Skoti que tinha sido condenado à sentença de morte. Seus vorazes apetites e habilidosas lutas eram legendárias entre os Oneroi quem tinha sido o bastante desafortunados para enfrentar-se a ele.

E Arik tinha sido um deles. Ainda jovem por aquela época, Arik tinha pensado agarrar ao Solin ele mesmo.

A maioria dos Skoti sentiam a aproximação de um Oneroi. Os Oneroi tinham completa carta branca dos outros deuses para fazer o que tivessem que fazer para controlar aos Skoti. Desde que um Skotos podia drenar as emoções de alguns humanos, eles normalmente se foram sem demora e não perdiam o tempo lutando quando simplesmente podiam mover-se sobre algum outro.

Mas Solin era mais forte que a maioria. Mais duro. Em vez de fugir como Arik tinha esperado, Solin tinha voltado para o perdido humano sobre ele. Devido a suas leis, Arik tinha sido proibido ferir o humano, e Solin sabia. Arik tinha tentado afastá-lo dela sem lhe fazer dano, mas no momento em que os lábios dela tocaram os seus e teve provado sua luxúria, algo no interior dele se rompeu.

Ele tinha sentido o prazer despertar pela primeira vez em sua vida.

E quando a humana ficou de joelhos e tomou em sua boca, ele tinha sabido que sua guerra estava perdida e sua convicção feita pedaços. Em um só batimento de coração, tornou-se Skoti.

Ele tinha sido Skoti após.

Oscilando de um sonho ao seguinte, ele tinha estado procurando todos esses séculos por

alguém que elevasse suas emoções ao nível dessa primeira noite. Mas ninguém se aproximou.

Não até a Megeara.

Só ela era capaz de alcançar o vazio em seu interior e lhe fazer ver vívidas cores outra vez. Fazer que ele sentisse suas emoções. Depois de todos esses séculos, ele finalmente entendia por que os Skoti se negavam a deixar a seus companheiros.

Por que estavam dispostos a arriscar-se a morrer.

Devido à Megeara, ele queria saber como era o mundo através dos olhos dela. Como era. Como se sentia. E sua habilidade para manter-se afastado dele estava começando a foder-lo seriamente.

Mas que podia fazer? Inclusive se ele fosse a terra para estar perto dela, ele não poderia realmente experimentar a ela ou seu ambiente.

Ele queria sua paixão. Sua força vital.

Talvez houvesse uma maneira de tocá-la...

Arik se deteve ante esse pensamento. Era verdade que ambos, Oneroi e Skoti podiam tomar forma humana no reino mortal, mas por causa de sua maldição, eles ainda careciam de emoções. Assim que qual era a diferença? Eles eram tão frios e estéreis e incapazes de sentir em forma humana como o eram em sua própria forma de Deuses.

Isso não era o que ele queria.

Não, ele queria ser humano. Queria sentir e emocionar-se tanto que ele pudesse experimentá-la o mais completamente possível.

Isso é impossível.

Ou não o era? Havia Deuses, com poderes de Deus. Por que deveria tal coisa ser inalcançável?

Seus poderes não são capazes de tal coisa. Zeus se tinha assegurado disso quando os castigou por tratar de forçar seus sonhos.

Voltando para o de antes, Arik não o era. Mas havia outros Deuses cujos poderes faziam mofa dele. Deuses que poderiam fazê-lo humano se queriam.

Zeus nunca concederia tal costure ele odiava muito aos Deuses do Sonho. Seus filhos lhe tinham muito medo para tentá-lo. Mas seus irmãos...

Eles eram uma questão completamente diferente.

E Arik sabia com qual fazer o trato.

Hades. O Deus do Inframundo não tinha medo de ninguém nem de nada. Seus poderes eram mais que comparáveis aos dos outros, e o melhor de tudo, ele odiava aos outros Deuses tanto como eles o odiavam a ele.

Por isso, Hades sempre estava aberto a um bom trato, especialmente se tal trato irritava ao Zeus.

Este era ao menos um tiro certo.

Com as constantes emoções da Megeara retirando-se dele, Arik voou da Ilha

Desaparecida onde a maioria dos Deuses do sonho residiam, e baixou, direto ao coração dos domínios do Hades. Ali tudo era escuro como a noite. Triste. Não havia corredores de marfim e ouro como os que se encontravam no Olimpo.

Ao menos não até que a gente visitava Os Campos Elíseos, onde as boas almas eram enviadas a viver sua eternidade no paraíso. Aqueles que eram o bastante afortunado para residir ali tinham tudo o que seus corações concebiam. Eles podiam inclusive reencarnar-se se assim o escolhiam.

Mas Os Campos Elíseos eram só uma parte de um muito mais grosseiro reino. Um que não continha outra coisa que miséria para aqueles que estavam condenados. Especialmente este momento do ano. Fazia três meses à amada esposa do Deus, Perséfone, tinha sido enviada a viver com sua mãe no reino superior. Até que Perséfone voltasse, Hades faria realmente um inferno ao tratar com ele. Do momento em que ela ia até que retornava, ele passava todo seu tempo torturando a aqueles que estavam ao seu redor...

Um Deus em seu são julgamento esperaria a que Perséfone voltasse, quando ele era mais razoável, mas Arik estava desesperado. A última coisa que ele queria era ter que dar a oportunidade a outro Skoti de encontrar a Megeara.

Não, era agora ou nunca.

Além disso, Arik nunca tinha sido um covarde. Ele nenhuma só vez tinha retrocedido de uma batalha ou conflito. Isso era o que o tinha feito um dos melhores Oneroi e o que o fazia um dos mais mortais Skoti.

Ele sempre conseguia o que ele queria. Malditas sejam as conseqüências. Ele tinha a eternidade para pactuar com isso. O que mais importava era o presente e isso era no que se concentrava. Sempre.

Quando voou além do Cerberus, o cão de três cabeças se levantou para lhe ladrar.

Ignorando-o, mergulhou-se nas catacumbas feitas de esqueletos e ossos dos inimigos do Hades. Muitos dos quais tinham sido Titãs e antigos quem tinha tido a má sorte de irritar ao sombrio Deus, eles nem sequer tiveram a garantia de que Hades os torturasse para a eternidade. Ele os tinha relegado a nada mais que decoração.

Isso deveria ser uma advertência para o Arik...

Mas a valentia e o desespero nunca emprestavam muita atenção.

Arik diminuiu seu vôo quando entrou na câmara dos domínios do Hades. Esta era a única sala do opulento palácio do Hades que estava aberta aos forasteiros... Mas havia muito mais de seu lar que este sítio.

Arik sabia o porquê ninguém era imune aos poderes de um Dream-Hunter. Ninguém. Todos os Deuses eram vulneráveis quando estavam descansando, o qual era pelo que eles temiam aos Dream-Hunters, e em épocas tais como esta Arik se aventurou ali para ver que era o que Hades mantinha tão guardado.

Agora Arik se feito invisível e se elevou para o negro teto no que brilhava fracamente

uma misteriosa luz. Hades se sentou abaixo, sozinho, em seu trono. Feito de ossos de Titãs, seu trono negro tinha sido gentil até que cintilou como o aço.

Duro e intimidante como tinha pensado o Deus, este dominava os estrados onde se sentava. Ao lado deste havia uma cadeira muito menor. Uma feita de ouro e acolchoada com almofadas da cor do sangue. Este era onde Perséfone se sentava sempre que estivesse em casa com seu marido.

Hades ficou olhando seu trono com um olhar tão profundo que Arik quase podia sentir sua pena. E não foi até que Hades se moveu que Arik se deu conta que o Deus tinha um pequeno, delicado leque em sua mão. Um de cinta e marfim.

Fechando seus olhos, Hades o levou gentilmente ao nariz e inalou a essência.

Então amaldiçoou e atirou o leque ao trono do lado.

Um batimento do coração mais tarde, ele se levantou para recuperá-lo e pô-lo com mais cuidado em um pequeno pedaço sobre o braço direito. Ali era obviamente onde Perséfone o guardava.

Hades ficou quieto e inclinou a cabeça como se estivesse escutando algo.

- Quem se atreve a entrar em meu hall sem meu consentimento?

Arik baixou ao chão e se materializou.

- Eu.

O Deus se voltou lentamente e entrecerrou seus olhos ambarinos no Arik.

- O que te traz aqui, filho do Morfeu?

Não havia necessidade de ocultar o que ele queria.

- Queria fazer um trato contigo.

- Para que?

- Desejo ser humano.

A diabólica risada do Hades reverberou na vazia sala, ecoando ao redor deles.

- Você sabe como ser humano, Skotos. Deixa de comer Ambrosia e beber Néctar.

- Isso só me faria mortal e eu não quero morrer. Quero sentir. Por isso preciso ser um humano e não um Deus.

Hades se aproximou dele lentamente até que esteve justo frente à Arik.

- Sentir? Por que deveria alguém em seu são julgamento desejar isso? Sentir é dos tolos.

Arik jogou uma olhada ao leque.

- Inclusive para ti?

Hades gritou com raiva ao tempo que para um movimento com a mão e cravava ao Arik contra a parede com seus poderes. Afiados ossos se cravaram nas costas do Arik, rompendo o tecido de suas roupas. Arik lutou contra o agarre, mas não havia nada que pudesse fazer no momento exceto sangrar.

- Para um Deus que não deseja morrer, falas de coisas que não deveria mencionar.

A força do agarre cessou tão rápido que ele logo que teve tempo de recuperar-se antes de cair. Ele se estrelou contra o chão um segundo antes que ficasse em pé.

Hades elevou as sobrancelhas com surpresa.

- É mais rápido que a maioria.

- E em meu reino, sou inclusive capaz de mais façanhas.

- O que quer dizer?

Arik se encolheu de ombros.

- Só que um Deus de tal poder deveria tomar cuidado. Inclusive o grande Hades tem que dormir alguma vez.

- Está-me ameaçando?

- Só estou constatando um fato. Arik olhou apontando para o trono do Perséfone. - E te recordando, Meu Senhor, que não há nada pior que permitir a um Skotos saber de uma debilidade.

Hades arqueou as sobrancelhas antes de tornar-se a rir.

- Tinha passado muito tempo desde que alguém se atreveu a tal audácia em minha presença. Olhe a seu redor, Skotos, Não vê os restos das pessoas que me chatearam?

- Meu nome é Arik e o vejo tudo, incluindo a beleza e o conforto do palácio que ocultas atrás desta fachada de morte. Mas por outro lado, perguntaria-te, O que tem de bom ameaçar a alguém que não pode sentir medo?

Hades assentiu com a cabeça.

- Bom ponto. Assim me diga... Arik, Que trato deseja me propor?

- Quero viver no mundo dos humanos como um deles.

Hades estalou ante sua petição.

- Isso não é tão fácil de obter, querido menino. Nenhum Deus nascido no Olimpo pode viver na terra por muito tempo.

- Mas podemos viver ali por um tempo. Eu iria ali agora, mas essa não seria a questão já que só poderia observar o que está ao me redor, mas não experimentá-lo. É a experiência o que eu desejo.

- O que tem que bom nessa experiência se a esquecerá assim que retorne?

O que o Deus não sabia era que Arik não esqueceria. Ele tinha recordado e queria essas lembranças. Ao contrário de M´Ordant e muitos dos outros, Arik não tinha conhecimento de emoções reais ou sensações, elas lhe tinham sido tiradas a golpes fazia tanto tempo que tinha esquecido completamente o que era sentir. Ele queria conhecer quão intensas podiam ser essas sensações quando não estavam bloqueadas pela maldição.

- Acaso o porquê importa realmente?

Hades considerou isso por um momento. Cruzando seus braços sobre o peito, franziu- o cenho ao Arik.

- Para o que desejas, teria que haver um elevado preço.

- Não esperava nada menos. Só me diga seu preço.

- Uma alma. Uma alma humana.

Isso era bastante fácil. Tomar uma vida humana não lhe preocupava. Eles viviam finitamente de todas as maneiras e muito poucos deles inclusive apreciavam a beleza que era a existência humana. Ele, entretanto, saborearia seu breve tempo como um deles.

- Feito.

Hades estalou sua língua ante o Arik.

- Menino, quão ingênuo é. Aceitou muito logo. Não é só uma alma o que eu quero.

- Que então?

- Quero a alma da mulher que te obrigou a fazer um pacto com o diabo. Certamente ela deve ter uma alma magnífica para que venha aqui e faça entendimentos comigo, o mais desdenhado dos Deuses.

Arik vacilou. Não lhe preocupavam muito os sentimentos da Megeara, mas não estava muito seguro de que o que aconteceria a eles para quando se visse obrigado a retornar.

- E se não poder completar o trato?

- Será você o que sofra aqui em seu lugar. Se não me puder entregar isso matarei-te como homem e me levarei sua alma ao Tártaro. A dor que há sentido até a data não será nada comparado com o que sofrerá então. E antes que o reconsidere, recorda que já aceitaste. Não há volta atrás. Nosso trato está fechado.

- Quanto tempo me dará?

- Duas semanas e nem um dia mais.

Arik não teve tempo nem sequer de crispar-se antes que uma estranha e grosa escuridão o cobrisse. Um momento antes estava parado em meio da sala do Trono do Hades e ao seguinte estava rodeado de umidade.

Era água...

E ao contrário que em seus sonhos, seu corpo era pesado. De chumbo. A água entrava por sua boca e seu nariz, causando que se afogasse encharcando uns pulmões que não estavam realmente acostumados a respirar. Tentou nadar, mas a água era muito densa. Esta parecia estar puxando ele por volta do fundo do mar.

O pânico o consumiu. Não havia nada que ele pudesse fazer.

Ia se afogar.

- Geary, rápido! Há um corpo na água!

OH, bom Deus. A quem tinha atacado Thia agora?

Alertada, Geary levantou o olhar das notas do Tory à chamada da Justina. A segunda ao mando do Geary estava apontando a um lado do navio. Quando Geary se tornou a um lado para jogar uma olhada, lhe estendeu a caderneta de notas ao Tory. Estava completamente segura, havia alguém lutando contra as ondas. E pelo que parecia, ele estava perdendo rapidamente a batalha.

- Christof! -gritou Geary ao capitão do navio.

- Necessitamos...Ela se deteve quando o corpo se afundou sob as famintas águas.

Não havia tempo.

Seu coração pulsava apressadamente detento da adrenalina, Geary se tirou os sapatos e saltou do navio. A frieza da água a atordoou quando a cobriu completamente. Batendo suas pernas, nadou para cima até irromper na superfície de modo que pudesse buscá-lo.

Embora a água estivesse clara, Geary teve um momento difícil em encontrar ao tipo sob a superfície. Ela se manteve abaixo, depois voltou a sair em busca de ar fresco antes de voltar a inundar-se para lhe buscar. Graças a Deus que ela era uma nadadora forte que tinha sido treinada como salva-vidas e instrutora de mergulho. Mas bom, isto era sua especialidade como uma mergulhadora de resgate perita. Ela tinha que ser tão ágil na água como um peixe.

Ela só desejava que tivesse tido tempo de agarrar seu equipamento antes de lançar-se a por ele. Se não encontrava logo ao tipo, estaria morto, especialmente desde que não aparecia na superfície.

Seus pulmões ardiam de agüentar a respiração quando entrou sob a água outra vez. Seus ouvidos zumbiam e se tapavam pela pressão quando imagens dele afogando a consumiram.

Geary tinha vinte anos quando o pai de Tory se afogou a só umas poucas milhas de seu mesmo posto. Imagens de seu pai tratando salvar a vida de Theron passaram através dela agora quando recordava a seu pai mergulhando a ele. Seu pai tinha tirado Theron da água e tinha feito tudo o que tinha podido para lhe ressuscitar.

Aquilo tinha sido horrível e a última coisa que ela queria era voltar a revivê-lo.

- Vamos. Não te atreva a morrer. Onde está?Ela baixou a velocidade e girou a seu redor enquanto flutuava no mar. A luz se refletia e dançava sob a água verde e azul, ressaltando vários peixes e algas, mas não havia signos do homem que ela procurava.

- Olhe para baixo.

Ela se congelou para ouvir a voz em sua cabeça, não entendia a demanda desta, mas não podia deixar de obedecê-la. Olhando para baixo, localizou-o justo debaixo dela. Inclusive embora estivesse tentando nadar, estava-se afundando rapidamente...

Seu comprido cabelo negro dançava na água enquanto as borbulhas flutuavam ao redor dele e movia suas pernas e braços tentando subir.

Aliviada de havê-lo encontrado, mas assustada de que talvez fosse muito tarde, ela se dirigiu a ele tão rápido como pôde. Chegou a situar-se a suas costas, então puxou de seu comprido corpo contra o seu e esperneou para subi-los para a superfície.

Deus Bendito! O homem era enorme e feito de sólido músculo. Sem nenhuma gordura nele, era como uma âncora na água. Isto lhe requeria muito esforço em levar a ambos à superfície.

Para o momento em que saíram à superfície, ambos cuspiam e tossiam.

- Agüenta-, disse a ele. - Tenho-te assim, ela meio esperava que ele lutasse contra ela. A

maioria das vítimas o fazia.

Mas ele não. Ele se mantinha quieto contra ela como se confiasse completamente nela.

Justina e Teddy já estavam na água preparadas com um salva-vidas. Juntos, colocaram ao homem no arnês e trataram de subi-lo, seguindo-os a seguir.

Para o momento em que Geary conseguiu subir outra vez, ela viu o desconhecido homem estendido sobre a coberta, abafado com uma manta, enquanto Thia lhe estava fazendo o boca a boca. Geary não podia ver a cara do homem devido a Thia.

- Está morto? Perguntou Geary, indo para eles quando a preocupação a golpeou.

Justo quando ela chegou ao seu lado, o homem tossiu expulsando a água. Ofegando, ele se voltou rapidamente de lado e começou a tossir e convulsionar-se enquanto Thia lhe golpeava nas costas para lhe ajudar a limpar seus pulmões. Sua pele molhada estava completamente bronzeada e perfeita, exceto pelos profundos vergões que danificavam suas costas. As cicatrizes eram antigas, mas, entretanto eram bastante proeminentes para que Geary fizesse uma idéia do muito que lhe devia ter sofrido quando as recebeu. Isto lhe recordava a maneira em que os marinheiros eram castigados na Antigüidade.

Por que teria um homem moderno essas cicatrizes? Quem lhe teria golpeado assim e por quê?

E ele não usava nada mais que um par de finas calças brancas que estavam pegos ao seu corpo... e que mostravam absolutamente tudo, especialmente o fato de que tinha sido bem dotado em certo departamento.

Ele pode que também estivesse nu.

- Agora há um homem que não usa roupa de baixo, huh? Disse Justina em voz baixa só para os ouvidos de Geary enquanto ela se apartava o cabelo. - Não é que não esteja agradecida por isso. Ele tem o traseiro mais impressionante de todo o planeta. Não me surpreende que Thia se oferecesse para o boca a boca. Não me importaria um pequeno boca a boca com esse corpo, não.

Enquanto Geary estava muito de acordo com esses pensamentos, ela não se alterou quando Tory lhe colocou uma manta sobre os ombros.

- Vá um inferno de pescado encontrou ali - disse Christof quando trazia mais mantas para elas. Entregou uma a Justina e ao Tedy.

Ignorando-o, Geary se ajoelhou ao lado de sua captura. O homem se sustentava a se mesmo sobre um só esculpido braço enquanto continuava respirando brevemente, entre dolorosos ofegos.

Seu emaranhado e molhado cabelo negro lhe caía sobre a cara, lhe ocultando completamente dela e dos outros. Os tendões de suas mãos eram bem definidos e formosos, o qual a fazia sentir curiosidade de como seria seu rosto.

Estaria marcada de cicatrizes como suas costas ou seria antigo e formoso como o resto dele?

- Está bem? Perguntou-lhe ela em Grego, caso que estavam no Mar Egeu ele entenderia melhor o grego que nenhuma outra linguagem.

Ele assentiu enquanto continuou tossindo para expulsar a água de seu corpo. Era quase como se não soubesse como usar seus próprios pulmões.

Respirando com dificuldade, ele levantou sua cabeça para olhá-la através das molhadas mechas de seu cabelo. E logo que seus olhos se encontraram, Geary ofegou e lutou ante a urgência de benzer-se e cuspir quando se viu cara a cara com os intensos olhos azuis de seus sonhos.

Não pode ser…

Não era possível e ainda ali estava diante dela em toda sua quase nua glória. Ela conhecia esses perfeitos e sardônicos lábios. A linha marrom escura de suas sobrancelhas sobre olhos de um azul tão pálido que irradiavam. Ela conhecia essa mandíbula forte, polvilhada de barba. Era uma que ela tinha mordiscado e gasto durante horas sem fim.

Contra toda razão, este era Ele.

Algo quente e necessitado passou através dela como uma afiada agulha enquanto lutava contra o impulso urgente de tocá-lo para certificar-se de que estava realmente ali.

Arik não podia fazer outra coisa que ficar olhando fixamente a Megeara. Ela era inclusive mais bela na realidade do que tinha sido em seus sonhos. Seus profundos olhos azuis o cativaram quando mechas de seu cabelo loiro caíram ante eles. Sua pálida pele pedia seu contato justo quando ela separou ligeiramente seus lábios necessitada de seu beijo.

Ele começou a ir para isso lábios, então tossiu mais quando tentou respirar através da aguda dor de seu peito. Seu corpo se sacudia incontroladamente enquanto era assaltado por horripilantes e intensas sensações e emoções. Inclusive os gritos dos pássaros estavam perfurando seus ouvidos, o zumbido do oceano. E o calor do sol em sua pele… lhe abrasava. Nunca se havia sentido tão fora de controle. Por que seu corpo não o obedecia?

Por que diabos não podia deixar de tossir e de tremer?

Ele meio esperava que Megeara batesse suas costas como tinha feito sua companheira. Em vez disso, o tato da Megeara foi gentil quando lhe golpeou ligeiramente para lhe ajudar a dissipar a água de seu corpo agora humano.

Então ela começou a esfregar suas costas brandamente em círculos.

Os calafrios lhe percorreram enquanto sentia um agradável calor o qual era inimaginável. Esquece o calor do sol, isto era mais abrasador.

Ninguém o havia tocado com tal gentileza e nunca havia sentido um contato assim antes, especialmente não através de sua pele. Tudo o que ele queria era atraí-la a seus braços e provar os tensos mamilos que se marcavam tão evidentes através de sua molhada camisa branca.

Se seu corpo tão só lhe obedecesse.

- Acredito que está em choque - disse Megeara aos outros - Traz mais mantas.

Outra mulher fez a um lado a Megeara.

- Me deixe ver...

- Não! -grunhiu ele, alcançando a mão da Megeara para mantê-la ao seu lado. Não tinha chegado de tão longe para perder-la de vista agora.

Megeara cobriu sua mão com as suas em uma tenra carícia.

- Está bem. Se acalme - Ela tomou uma manta de uma jovem mulher com óculos para envolvê-la depois ao redor dele.

Arik fechou os olhos e saboreou a flutuante sensação de suas mãos sobre seus ombros. A sensação de sua pele sobre a sua... era eletrizante. Quente.

Se só pudesse deixar de tremer.

Geary não estava segura de que fazer. Ela intercambiou um olhar com Althea, que era seu médico a bordo.

- Preciso lhe examinar e me assegurar que ele está bem - disse Althea em inglês.

Geary assentiu.

- Sei.

- Estarei bem em uns poucos minutos - disse o desconhecido em um perfeito, acento inglês.

Sua voz era tão profunda e ressonante que esta literalmente fazia eco ao redor deles. Esses intensos, predatórios olhos se penduraram dela.

- Só não me deixe.

Geary encontrou a se mesma assentindo inclusive embora o possessivo mando de seu tom fazia que queria fugir. Não estava em sua natureza deixar que alguém lhe dissesse o que tinha que fazer, mas neste caso, havia algo estranhamente atraente nele. Fascinante.

Honestamente, ela não queria deixá-lo ir. E isso realmente a assustava.

Com seu coração martelando, ela usou uma esquina de sua manta a modo de toalha para lhe secar o cabelo, penteando-o afastando de sua cara que era verdadeiramente perfeita.

- Isto não é possível.

Wow. Ele era extremamente bilíngüe. Ele estava também extremamente exposto e a imagem dele com essas calças que lhe pegavam como uma segunda pele trouxeram as mais travessas imagens a sua mente. Em seus sonhos, ela tinha sido viciada nesse corpo dele igual a uma droga e tinha tocado cada centímetro.

De acordo. Não era exatamente esse corpo. Em seus sonhos, não tinha tido cicatrizes. Mas seu corpo se aproximava o bastante a aquele como para que evocasse um fervoroso calor em seu interior.

Geary limpou uma gota de água de sua bochecha com a manta.

- O que te aconteceu?

Ele olhou ao longe.

- Não sei-

Thia dedicou a ela um travesso sorriso.

- Bom, não é todos os dias que pesquem um deus meio nu do mar, verdade? Me alegro de ter tornado logo de minha viagem de compras. Isto é definitivamente digno de ver.

O homem voltou repentinamente à cabeça para ela e lhe dedico uma feroz olhar. Era óbvio que suas palavras lhe haviam tocado um nervo.

- Thia? Disse Geary em um tom cortante. - Importa-te?

Ela rodou seus olhos.

- De maneira nenhuma. Veremos se eu salvo sua vida a próxima vez que se esteja afogando.

Christof deu um passo adiante.

- Deveríamos informar isto às autoridades.

Mais furioso ele o olhou com esses olhos azuis pálido.

- Não! -Seu tom era firme e de comando. - Nada de autoridades-

Teddy franziu o cenho e intercambiou um olhar com ela.

- Por quê? Está fugindo deles?

- Não. É só que não quero ser interrogado quando não posso recordar nada.

Christof entrecerrou seus olhos nele.

- Sabe seu nome?

Ele vacilou.

- Ari.

- Arik o que?

Ele levantou o olhar para o Geary com uma confusão que encolheu seu coração.

- Não o recordo.

Geary inclinou sua cabeça, não estava segura de que pensar. Algo em seu profundo interior lhe dizia que ele estava mentindo, mas não estava segura do que.

- Golpeaste-te na cabeça?

Ele assentiu.

- Poderia ter amnésia - disse Tory. - Se caiu de um navio possivelmente lhe tenha passado por cima. Ou talvez lhe golpearam e o lançaram à água. Poderiam ser piratas.

- Não está golpeado - apontou Christof. - E não houve atividade pirata por aqui há várias centenas de anos.

- Sim, mas bem que poderia. Incomuns e estranhas coisas acontecem todo o tempo. Sabia que houve sessenta e cinco ataques piratas sobre navios civis somente no último ano? Seis mais contra os Guarda Costas dos Estados Unidos. Um grupo inclusive tentou abordar um cruzeiro-

Ignorando as estatísticas do Tory, Geary atirou da manta dos ombros do Arik. - O que é o que último recorda?

- Eu... não sei.

Uma estranha, cálida sensação caiu sobre ela quando lhe olhou. Aquele completo momento era tão surrealista. Ela não podia acreditar que estivesse vendo... o Arikos.

Esse tinha sido um sonho, mas o homem ante ela era uma cópia exata. Uma cópia chamada Arik.

Poderiam eles possivelmente...

Não seja estúpida.

Isto só era uma estranha coincidência. Possivelmente algum tipo de premonição.

Sua cara se voltou vermelha ante tal pensamento. Bom, não esse tipo de premonição. Ela não estava disposta a saltar nua a uma piscina de chocolate com esse cara.

- De acordo - disse ela lentamente - Teddy, leva ao Arik abaixo e lhe encontre um pouco de roupa-

Arik começou a protestar por deixá-la, mas então se deteve. Ela estava inquieta com ele. Podia senti-lo. Se a pressionava muito, ela talvez o abandonasse e o fizesse a um lado.

Essa era a última coisa que ele queria.

Não, ele deveria proceder cuidadosamente para ganhar sua confiança. Ele estava ali, em seu mundo. E teria bastante tempo para seduzi-la breve. No momento era melhor agradá-la.

Ele se levantou lentamente, seus olhos nunca se separaram de seu olhar. Quando uma onda golpeou contra o navio, ele desequilibrou ligeiramente e quase perdeu o equilíbrio.

Megeara o alcançou, suas mãos lhe sustentando.

Arik fechou os olhos quando o calor de seu contato chamuscou cada um de seus nervos. Não havia nada comparável à sensação do contato humano, a sentir essas delicadas mãos tocando sua pele, ele não podia esperar a sentir essas carícias sobre essa parte dele que estava dura por ela.

Ele baixou sua cabeça de modo que pudesse inalar sua doce e feminina essência de mulher ao ar livre misturado com um ligeiro toque de perfume. Isto era mais intoxicante do que tinha sido em seus sonhos e ele queria impregnar-se disso.

Mais do que ele queria cheirá-lo em seus lençóis e pele. Beber dela durante horas sem fim até que estivesse completamente satisfeito e contente.

Geary se esticou ante a sensação de sua quente respiração sobre sua pele úmida. O que acontecia a este estrangeiro que fazia que todo seu corpo se incendiasse?

Ela se forçou a afastar-se dele, embora o que realmente queria fazer era aproximar-se desse magnífico corpo escultural.

Seus olhos mostravam seu desejo quando ele se encontrou outra vez com seu olhar e advertia suas ações.

- Não tenha medo de mim, Megeara. Ele o ronronou tudo a seu ouvido. - Nunca te machucaria.

Não foi até que ele partiu que ela se deu conta de que a tinha chamado por um nome que ninguém utilizava.

PARTE IV:

BITE A FRIEND

Consegue um adiantamento da próxima grande novela
Dark Hunter da Sherrilyn Kenyon!

Tudo o que precisa fazer é
Bite ao Friend

Compartilha a história **Fear the Darkness** através de nosso programa **Bite ao Friend** e receberá três adiantamentos da nova novela da Kenyon, **Devil Mai Cry**, três meses antes que chegue às livrarias.

A Autora de Best Sellers do New York Teme, **SHERRILYN KENYON** tem quase dez milhões de cópias vendidas de seus livros em mais de vinte e seis países. Ela é a autora das Novelas Dark Hunter, as quais têm um culto internacional de seguidores e apareceram no Topo da lista dos mais vendidos do **New York Teme Publisher Weekly**, e **USA Today**.

Escrevendo como ambas, **Sherrilyn Kenyon** e **Kinley MacGregor**, ela é a autora de outras séries, incluindo **- Irmandade da Espada-, - Senhores de Ávalon-** e **BAD**. Perto do Nashville, Tennesse, Sherrilyn viveu uma vida de extraordinário perigo... como qualquer mulher com três filhos, um marido e uma coleção de espadas sobre a quais tem por cima de toda uma grande fixação.

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES PRT
Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/
Comunidade Romances S.A.
http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161